

ENTREVISTA COM MARIA SELMA – COMUNIDADE DE RODA D'ÁGUA

Data: 17/01/2009

Entrevistadores: Osvaldo M. Oliveira, Fernanda Castro e Antônio Oliveira.
Participação: Ana Teles da Silva – Antropóloga supervisora do INRC/IPHAN

Osvaldo: Como que é seu nome?

Selma: Maria Selma.

Osvaldo: Sim...É.... A gente pode gravar a conversa que a gente tem, a entrevista... Você, ele, ela?

Selma: Mais assim nesse bate papo, eu falo, ela fala, ele fala.

Osvaldo: Nesse bate papo mesmo. Você já falou um monte de coisa importante que a gente vai aproveitar.

Osvaldo: O seu marido é...era filho da D. Sebastiana, né?

Selma: Sebastiana e seu Pedro... Porque lá tem dois Pedro, tem Pedrolino e Pedro que já é falecido. E o Pedrolino inda tá lá de pé. Graça a Deus inda ta com saúde lá e vai levando a vida. A minha menina mais velha mora lá, você viu quando lá?

Osvaldo: Nós passamos lá, só que nós fomos lá nos Laudêncios, no Luiz...ele tava fazendo beiju...eles tavam fazendo beiju.

Selma: Lá eles faz mesmo, lá eles faz direto.

Osvaldo: Maria Selma de Jesus?

Selma: Maria Selma Carvalho de Jesus.

Osvaldo: Ah....Carvalho de Jesus

Selma: Tem que pegar o nome do meu avô, né? Carvalho...

Osvaldo: Você nasceu aqui em Roda d'Água e casou lá?

Selma: Nasci aqui, morei aqui até a idade de onze anos depois eu fui pra lá. Casei e fui embora pra lá, NÉ? Lá eu vivi só uns dezessete anos e agora eu voltei pra cá de novo, mamãe fica muito sozinha. Mãe é mãe, né? Tem que aproveitar e tá mais perto.

Osvaldo: Como é o nome do seu marido?

Selma: José de Jesus

Selma: Rapaz que gostoso que tinha aqui mesmo, que “cabou”, que eu apanhei muito pra cair lá dentro, foi o poço fundo, hein ?

Osvaldo: o poço...

Selma: Ali...

Osvaldo: ali? Lá?

Selma: Lá em baixo. Hoje tem uma represa muito grande lá, mas não presta pra tomar banho não, porque tem um cheiro de ferrugem danado. Mas no tempo do poço fundo chamava córrego Água Corrente que nunca tinha secado. Oh gente, era uma coisa mais linda do mundo! Você via areia areadinho lá embaixo, dois metros de fundura, pra baixo, você podia ver as piabas passava lá. Nós tomava banho, nós tomava banho. Tem uma represa lá, o pessoal toma banho mas eu não gosto não.

Selma: Pois é cara, mas era bom, hein...a água era geladinha, friinha... Costumava chamar Córrego das Piabas, esse córrego aí

Osvaldo: esse aí que era o Córrego das Piabas?

Selma: Não dava vontade de sair mais não. Nós tomava banho. Papai ficava com medo de nós descer ia lá com galho de goiaba. Rapaz, mas cortava mesmo, mas não tinha jeito, no outro dia nós tava lá dentro de novo. A água era boa demais, menino. Hoje em dia banho só em casa, com água do poço mesmo.

Osvaldo: Esse córrego das Piabas ele vai pra onde?

Selma: Desce aí abaixo, sai lá em Santana.

Osvaldo: em Santana?

Selma: em Santana

Osvaldo: porque que aqui chama Roda d'Água?

Selma: Hã?

Osvaldo: Vocês chamam aqui de Roda d'Água?

Selma: Por causa disso que eu tou te falando. O córrego era muito bom, era um córrego que fica bastante peixe, que tinha bastante.... Era uma água que parecia uma água mineral. Aí eles botaram...tinha umas piabas lá embaixo. Não sei se é isso que eles botaram córrego das

Piabas, e a água era geladinha. Você olhava assim era a coisa mais linda. Tinha uns galhos assim. Tinha um córrego de cima que passa direto, né? Tinha uma nascente... tinha três do lado de cá.

Osvaldo: é?

Selma: Era muito lindo rapaz. Então botava Córrego das Piabas que passa aqui desde cima. E esse córrego das Piabas acho que as vezes foi colocado aí afora. Aí botaram aqui Roda d'Água. Ali, Morro da Onça é ali embaixo. Lá. E aí é assim... fica assim, São Jorge. Aí fica assim, cada um vem trazendo o nome e um... E por aí ficou aqui, Roda d'Água. Tem Pedra d'Água. Você não vê tem Pedra d'Água lá pro lado de em São Mateus. Porque Pedra d'Água?

D. Rosa: qual é o sobrenome aí da escola?

Selma: da onde?

D. Rosa: da escola aí...o sobrenome aí da escola

Marta Selma: Ih...agora você me pegou pelo pé, porque eu até esqueci.

Osvaldo: E desde quando você faz farinha?

Selma: Só tem onze anos mesmo que mexo com farinha mesmo depois que eu aprendi de verdade. Nós sempre trabalhava assim junto com meus pais aí, né...torrava.... mas não tinha assim muito conhecimento não, entendeu? Era só mais pra comer, pro gasto, você entendeu? Agora mesmo que de lá peguei a origem mesmo de freguesia, né? Contratado. Se eles soubessem que eu tô aqui eles vem de carro aqui panhar produto. E daí eu tenho onze anos que trabalho assim. E eu fiz a minha casinha de farinha lá, né. Antes de você... O produto é que tá difícil, que não acha mais material, tá acabando, né?. Aí foi inventando outra coisa. Aí parei um pouco de mexer com vassoura, porque não acha mais cipó, enquanto os brejos seca tudo, né, aí morre as folhas. Aí passemos a fazer beiju direto. Aí tem onze anos, depois da hora que vocês passou lá, e aí a gente levantou uma casinha de farinha igualzinha a essa aqui oh.

Osvaldo: Sim.

Maria Selma: E aí a gente já começou a sair com o produto, e aí cresceu. Cresceu e aí tamos aí. De Conceição da Barra a São Mateus, palmito/ paulista, pra lá eles encomendam beiju. E daí a gente joga o jogo que dá o futuro, dá o ganho, né, a gente vai jogando, né? E é muito bom. E eu gosto de trabalhar. Gosto mesmo é uma coisa que você vê. O emprego é o seguinte você vai trabalhar enquanto der pra você ganhar. E aí a gente não vai deixar a origem da gente cair, deixar que o rico tire a camisa da gente, né? A gente tem que valorizar o da gente. O que sabe. A pessoa não estuda, né, pra preparar para o emprego, né, preparar pro que der pra ele fazer, né? Se não deu não deu, né, a gente para, mas se deu a gente continua.

Passaram o ano passado e prometeram essas casas de farinha lá em cima, mas só que não construíram nenhuma. Pra cá disse que já tava aqui no Linharinho. Foi isso que eles falaram que ia chegar aqui. Foi casa de farinha, foi banheiro, né? Essas coisas assim.

Ana: Mas foi a prefeitura?

Maria Selma: Não foi uma parceria lá com, IASES, umas coisas assim.

Entonce aí a gente não quer deixar cair. Porque emprego aparece aí, eu tenho umas quatro irmãs aí mesmo que tão empregada. Eu falei, bobagem de vocês, vocês com a terra na mão em vez de lavrar o que é seu, valorizar o que é da gente. Agora todo mundo quer trabalhar comigo só que aí nós tem que crescer tem que comprar um forno bom, entendeu? Tem que fazer uma tapagem melhor porque de repente vem chuva vai molhar aí não dá certo. E pra começar mesmo. Tem o que é o Jorginho Donato... é o Jorginho da DISA, né que ganhou pra prefeito da Barra e prometeu ajudar nós aqui botar uma caixa d'água. Quer dizer, melhorar um pouco mais o trabalho da gente. Que o peso nós vão dividir pra ficar mais leve. E por aí a gente vai gerando, gerando e não deixar cair, pros filhos da gente não deixar morrer. A minha mãe vivia disso e tal e quando meus avôs ensinô, meu pai, meu pai é aquele que vai passando lá...ele vai pro reis, danado.

Já tava descansando e já pocou fora pro reis. É uma tradição bacana o reis. Eu gosto... Ta um na frente e outro atrás. Aquele lá é os dois irmãos mais velho. Oh aquele veinho lá de trás é o meu veinho. Lá vai.

Osvaldo: Onde era a casa de farinha do seu pai?

Maria Selma: Era tudo do lado de lá, porque meu avô aqui ele tinha quarenta alqueires de terra, no meu tempo de criança. Aí depois...

Osvaldo: O Pasqualino?

Maria Selma: O Pasqualino. Ele entrou em parceria com um cumpade dele, seu Amita. Eles são lá de Rio Preto também. Aí meu avô é de Santa Leocádia. Ele tem... A origem dele é italiana. O meu avô era branco, hoje nós somos tudo preto, mas ele avô era branquinho, entendeu? Ele era da cor dela assim, até mais. Aí ele já casou com a tia do meu marido, que era irmã de Sebastiana, ela era pretinha, pretinha igual ali.

Osvaldo: Então o Pasqualino casou lá no Divino Espírito Santo?

Maria Selma: Ele casou lá, veio pra cá aí daqui que ele formou a família dele aqui, né? Ele veio emprego, a busca de emprego. Aí seu Amita morava aqui. Só que já morreu também. Aí deu a fazenda dele pra ele tomar conta, 48 alqueires de terra. Está na escritura cem alqueires porque 48 só que foram tomadas assim que a firma Aracruz estava tomando, né. Aí ele foi lá correu e marcou o piquete. Ele foi lá enfiou o piquete que não era pra passar e chamou seu Amita, seu Amita veio e tiraram o pedaço de terra. Aí passou muito tempo, seu Amita ficou baqueadinho, veinho, foi morar na Barra e deixou por conta do meu avô aqui. Aí passou anos e mais anos, quando eu tava com a idade de uns 18 pra 19 anos aí eles resolveu dividir. Aí dividiu. Nós morava tudo do lado de lá, naquele localidade de lá. Nós

morava tudo lá. Ela aí morava lá no recanto de lá, que era pouco, né? Só nós mesmo. Aí daí foi crescendo a família, foi crescendo, crescendo. Aí ela veio com o véio, né. Já não tava mais podendo trabalhar com a terra, que ele tinha bastante gado, animal. Aí meu avô entrou empregado mais ele, aí passou a ser cumpade. E daí quando ele viu que ele já tava morrendo ele não deixou meu avô na mão, porque ele trabalhou muito tempo, ele pegou de porteira fechada, garotinho a fazenda dele tomou conta direito até quando ele pode agüentar. Quando ele não agüentou mais ele veio e dividiu a terra. Aí ele deu essa parte aqui pro lado de cá pra nós morar, né? Ele e d. Anita fez as casas. Só fez aqui duas casas aqui. ??? aquelazinha lá no final e a do meu pai ali. Agora o resto já é tudo... E ela ali também, aquelazinha. Ela morava lá no cantinho. Aí foram assim, acertando as contas, acertando as contas. Mas na época nós tinha muita terra, como eu tô te falando, aqui era tudo roça. Aí meu avô como tinha dois filhos que ah vão vender terras, vender terra, foram vendendo, vendendo, vendendo. Acho que eles foram uns quatorze a doze irmãos. A maioria foram vendendo, aí meu pai foi e morou nesta casa aqui, criava o animal dele aqui. Aí foram vendendo, vendendo, ficou essa parte aqui. Aí um bocado vendeu, um bocado não. Aí ficou isso aqui de herdeiros, né? Aí de um foi comprando, já... o cara já comprou, aí depois foi outro e agora está na mão da DISA. E agora vão ver, depois que eu cheguei. Falei ah eu sou acostumada a trabalhar na terra, eu nunca empreguei, não gosto de emprego, entendeu? Toda vida eu gostei de gerar o emprego mesmo, pela minha... pela minha cabeça. Cê viu lá o que nós trabalhava com vassoura. Agora

Osvaldo: Na época lá tinha aquela limpeza lá de mamão do vizinho de vocês lá. Ela tava A Lídia na época e ficou impressionada com as exigências

Maria Selma: E o eu tava barriguda.

Osvaldo: Isso há onze anos, hein?

Maria Selma: Aí agora aprendi fazer o beiju. Aí pronto. Quando tem festa em São Mateus é nós que faz o beiju lá pro povo lá mesmo na festa de São Mateus. Tem gente que deixa de fazer pra comer o beiju porque lá pra lá não tem. E essa origem é poca, né? É só esses dois lugar que você sabe, né? Fica mais aqui e São Mateus. Aí assim, o pessoal aí fizeram casa de farinha e não tão trabalhando, estão parados. Incrusive mesmo, ontem eu fui lá e um velho tava até falando que queria mesmo vender a casa de farinha. Aí eu falei não pode acabar com isso.

Ana: Mas aonde isso?

Maria Selma: Aqui em Linharinho.

Osvaldo: Quem tava vendendo de lá?

Maria Selma: Ah...alguém lá da comunidade deles. E aí eu reuni aqui com o pessoal aqui. Não gente, nos são irmãos mesmo, a gente se conhece. Mais novo. Ele veio pra cá. Ele está doidinho pra cevar aqui, ele quer aprender a cevar aqui. Aí tá eu mais meu marido Que meu marido é acostumado a mexer com isso. é carpinteiro.

Ele faz casa, ele faz tudo de estuque. Você olha, fica bonito de ver. A nossa casinha lá, na época que você passou era de estuque, cê lembra? Agora eu já fiz duas, uma lá e uma aqui... de lajota, tá só no acabamento, tanto a de lá como essa daqui. E a casa de farinha aqui eu espero que fique assim mesmo.

Osvaldo: de palha?

Maria Selma: é. Porque sempre foi assim, né? Sempre tem que conservar assim. Eu fui criada em casa de palha. Hoje eu já moro em casa de lajota, daqui a pouco meu filho não conhece nem o que é isso mais. Eu digo mesmo, falo: Meu filho hoje vocês tem tudo, hoje nós tamos na glória de Deus. Cês não sofreram quanto nós sofria. Nós saía daqui botava meio saco de aipim, de abobra na cabeça e ia daqui até na Barra, vender pra comprar o que comer pra trazer e não achava difícil. Hoje tem ônibus, tem carro. Tem carro que vem trazer compra na porta. Eu fico olhando pra eles assim: Ah mãe, faz compra. Eu falo: Como? Ah mãe o homem vem trazer na porta. Hoje tá tudo bom. Antigamente andava a cavalo aqui, chegava duas horas, três horas da manhã e ninguém achava dimorado, ninguém achava difícil. E hoje nós acha difícil ir aqui na Barra de a pé. Só quer carro, quer cavalo. Cavalo, nem existe mais cavalo. Meu pai que tinha uns gadinho aí, tem assim uns cavalinhos, mas não trabalha direto montado a cavalo não.

Mas, no tempo que eu fui criado, meu filho, aqui foi duro. Eu digo oh gente vamos botar as coisas pra pensar. A gente mora na roça a gente tem que mostrar a origem da roça. Eu tô falando porque, porque hoje saiu aí uma tar de liberação do facho, eu não concordo com isso. Eu já disse pro meus irmãos: é liberado, mas não é da gente, entendeu? Então, a gente tem que gerar, viver do que é da gente e não é só isso não, moço, você faz um roça hoje, você faz qualquer coisa e tudo hoje dá dinheiro. Você vai no mercado Ah...? mas você produz isso, mas você pode, cê faz dinheiro toda vida. Desde a idade da minha finada Vovó Maria, mãe da minha mãe, me ensinou, eu saía mais ela. Meu pai não gostava não, tirar cipó não. Isso aí oh... hum.??? eu saía desde nova... Toda vida eu não tive dificuldade pra mim não. Eu saía sozinha nesses brejos aí, esses brejos velhos criava vassouras, ia lá com minha mãe, com meu pai???? Minha vó fazia vassoura, vamos Celinha pra rua. Vambora vó, mas eu tenho que ir no brejo tirar um cipó. Mas ce não vai sozinha não. Não tenho medo não. ?? Nesses brejos aí, vou lá tiro o cipó, vou lá junto o pau e boto aí ajeito????Mas medo de que, minha filha. Tudo é jeito, só tem que conviver, tem que aprender a lidar. ??? Por que ele ??? Não é não? Se não mexer com ele, ele não vem mexer com ocê. Se eu topar uma cobra na minha frente eu fico perigosa, eu acabo com ela. Eu não vejo nenhuma cobra na minha frente, eu vejo e mato ela. ??? que tá aliviando. Mais mas, só tenho medo de onça, se eu ver uma onça, ah pelo amor de deus. Pra aqui não tem não. Deus me livre. Agora lá na Quitéria, então tinha onça lá. De vez em quando ela trevesa, de ano a ano. Ela atravessava lá, lá na Quitéria, porque lá não tinha recanto tem mais fazenda. A fazenda são grandes, né? tem bastante boi, tem gado nelore pra corte, aí chama muito ele. Tem uma reserva ali em Linharinho, tem uma reserva ali de vez em quando sai uma alguma dali, mas não deixa matar, né?

Mas não vem pra cá não, tem muito azuado.????? Mas falaram que pegaram uma galinha ali naquela BR da reserva em Linhares. Coitadinha da galinha. É a fome dela, né. No começo parece pra matar a fome. Acho que foi o verdade mesmo. Dizem que os caminhoneiros viram ela derrubar ???Porque ela só pegam ?????

Osvaldo: Você pode falar um pouquinho da mandioca que você ia buscar lá em Linharinho, é isso?

Maria Selma: Lá no Linharinho

Osvaldo: Aqui não tem plantio não?

Maria Selma: Aqui nós tamos fazendo.

Osvaldo: vocês estão fazendo?

Maria Selma: Nós vamos, tou capinando aqui devagarzinho, mas nós vamos deixar o trator parar. Pra passar a Aracruz parar pra nós plantar.

Osvaldo: Você pode falar pra gente como é que é, quais são assim, as fases, como é começa, planta a mandioca, depois espera quanto tempo, como é isso?

Maria Selma: De um ano, um ano pra ela tá madura.

Osvaldo: Como é que planta a mandioca?

Maria Selma: Você faz a cova e planta dois toletos em cada cova. Assim, de uma distância assim, porque ela muito junta ela não dá. Aí tem que plantar ela mais separada. Uma distância que vocês estão aí, faz a cova dela e planta dois toletes. Aí só vai limpar, ela vai nascer, ela nasce e cresce.

Ana: E tem algum tipo de mandioca?

Maria Selma: Tem várias qualidades de mandioca, tem a doce, tem -mirim, tem mandioca ruim, tem aipim amarela, tem aipim manteiga, tem outra cação branco, tem essa aí mesmo, inclusive eu até cozinhei um pedacinho, vou lá panhar pra vocês.